



Exmos. Senhores

Presidente da Assembleia Municipal

Presidente da Câmara Municipal

Exmas. Senhoras Vereadoras e Exmos. Senhores Vereadores

Exmos. Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia

Exmas. Senhoras Deputadas e Exmos. Senhores Deputados Municipais

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Hoje, 37 anos depois do *“dia inicial inteiro e limpo/ Onde emergimos da noite e do silêncio...”*, como disse Sophia de Mello Breyner, vivemos um momento da nossa história de dupla natureza:

- Num momento de perturbação, de dificuldades reais, de grande incerteza quanto ao futuro, com uma separação cada vez mais profunda entre governantes e governados;
- Mas vivemos, igualmente, num momento de potencial oportunidade.

Na verdade, Qualquer crise transporta em si esta dualidade: necessidade de atenção e acção relativamente ao perigo que representa, mas, apela igualmente à nossa capacidade de reconhecer a oportunidade em que se pode transformar.



É neste espírito de realismo mas também de esperança que o Partido Socialista se associa a esta comemoração do 25 de Abril de 1974.

E é, igualmente, imbuídos deste espírito, que vale a pena olhar para o nosso passado de mais de 800 anos, perceber o nosso lugar no presente para, deste modo, preparar um futuro melhor, construído em conjunto, e onde a Democracia e a Liberdade conquistadas há 37 anos se fortaleçam no nosso país e dentro de cada um de nós.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Nesta intervenção, o Partido Socialista quer sobretudo focar-se num tema: as PESSOAS. Poderia mesmo, chamar-lhe uma pequena reflexão sobre o EU, o NÓS e os OUTROS, relacionados como o nosso passado, presente e futuro.

I

Vou começar, exactamente por esse “olhar para o passado” – a apologia dos “outros”

Nasci em 1954, num tempo artificialmente adormecido, à sombra da fórmula salazarista



“Não discutimos Deus e a virtude. Não discutimos a Pátria e a sua História. Não discutimos a Autoridade e o seu prestígio.”.

Nasci e vivi a minha infância e adolescência sob um regime que deliberadamente pretendeu fazer-nos esquecer o “Eu” e o “Nós”, substituindo-os por uma ilusória percepção de caridade associada aos “Outros”.

Individualismo, empreendedorismo, participação, solidariedade que não fosse a da “caridadezinha”, eram um perigo para o regime.

“Não sonhes, não arrisques, não tires os olhos do chão a não ser para agradecer a Deus e a Salazar, o pouco que tens”.

Esta é a herança que, infelizmente, ainda subsiste em alguns genes do ADN português. O medo de perder, nem sabemos bem o quê. A ideia de que devemos contentar-nos com pouco. A desconfiança para com todos os que tentam sobressair. O fatalismo que nos leva à inércia e ao derrotismo. Tudo isto tem-nos transformado em algo que nada tem a ver com a nossa génese, com a nossa capacidade de arriscar, de fazer diferente, de progredir, sem nunca perder de vista os princípios mais puros de humanidade e de solidariedade.



II

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Olhar para NÓS, hoje, é de facto, perceber o nosso presente, esse presente que começou há 37 anos.

Uma aluna do 9º ano, quando questionada sobre o significado de Abril respondeu; *“O 25 de Abril é a visão inspiradora e a ambição de um futuro melhor”*.

Estas palavras tocam-nos a todos, seguramente, porque este tem sido o nosso caminho, como portugueses, não importando o quadrante político, não importando a classe social.

Um caminho feito de momentos bons, de momentos menos bons, de crise, como a que vivemos hoje, mas nunca abdicando dos fundamentos essenciais da Democracia e da Liberdade, elementos, aliás, indissociáveis dos princípios mais importantes da génese do Partido Socialista e do seu combate por uma sociedade mais solidária, justa e fraterna, mais igualitária e coesa.

Vivemos hoje num mundo em mudança, diria mesmo, transfigurado, onde a verdade do “NÓS” virtual, como acontece, por exemplo, nas redes



sociais, é superior ao poder das armas, a exemplo do que aconteceu no Egipto e na Tunísia.

Vivemos hoje num mundo onde os cidadãos são mais exigentes, mais participativos, mas igualmente mais descrentes nos modelos políticos actuais.

E este é, aliás, o desafio que enfrentamos todos os que têm responsabilidades políticas: Gerar maior confiança por parte dos cidadãos, garantindo a transparência na nossa acção e contribuindo para o aumento da qualidade de vida das pessoas.

Neste ponto, pensamos que as Autarquias têm um papel-chave. São elas que, graças à proximidade, estão melhor posicionadas para alterar a visão de descrença por parte dos cidadãos.

Este é o grande desafio. Esta é a grande oportunidade.

Vivemos hoje num mundo cada vez mais urbano - na Europa, 72% da sua população vive em áreas urbanas e mais de 50% em todo mundo é deste modo que vive. É nas cidades – quer em sentido literal, quer no sentido mais abrangente, de um concelho ou mesmo de uma região - **que nasce, vive, trabalha e morre o “NÓS” físico, a comunidade.**



Hoje, as cidades são factores, ao mesmo tempo, de preocupação e esperança.

De preocupação com o aumento da pobreza urbana e o seu crescimento muitas vezes descontrolado. De esperança, por se tornarem cada vez mais importantes para a economia e crescimento saudável de um país.

A sustentabilidade das nossas cidades, dos nossos centros urbanos, em harmonia com o meio ambiente, fazem hoje parte de quase todas as agendas políticas nacionais e autárquicas, mas é nossa convicção de que é preciso fazer mais, de que é, sobretudo, preciso, que os decisores, a todos os níveis, se comprometam verdadeiramente, manifestando esse compromisso nos PDM – Plano Director Municipal. Aliás, este compromisso tem um retorno assegurado, na satisfação expressa pelas pessoas e na criação de um melhor ambiente para negócios.

Reconhecemos que o Concelho de Oeiras foi pioneiro na introdução de alguns conceitos de eco-cidades, mas muito falta fazer na área da sustentabilidade.

Sustentabilidade das cidades significa criar as bases para comunidades sustentadas e neste contexto, **Sustentabilidade e Mobilidade são totalmente inter-dependentes**. No caso de Oeiras, a mobilidade é ainda uma das maiores preocupações que o nosso concelho tem.



Porque este conceito de “Cidade-Concelho” não é somente vital para a economia e crescimento – ela é também o local onde vivemos o nosso dia a dia. E por isso uma visão integrada, onde um bom desenho urbano, com espaços multi-uso, reconvertíveis, disponíveis 24H por dia, com bairros aprazíveis, com uma boa rede de transportes públicos, são, igualmente, uma forma criativa de sustentabilidade e uma parte importante no desenvolvimento de estratégias de desenvolvimento sustentado dos nossos centros urbanos.

Comunidades sustentadas significam, igualmente, criação de parcerias activas com a sociedade civil, organizada ou individualmente empenhada. Projectos de inovação social, onde o subsídio é substituído por ensinar a fazer, onde cada bairro, cada vizinho é envolvido em algo que seja importante para a sua pequena comunidade: tratar do jardim em frente ao seu prédio, desenvolver pequenas hortas comunitárias, trocar produtos e serviços entre si.

Tudo isto faz parte de um novo modelo de sociedade que está a emergir. É mais um retorno às nossas origens mais solidárias e comunitárias.

E que não se diga que é impossível fazer!



Jaime Lerner, antigo presidente da Câmara de Curitiba, no Brasil, sabe bem o que diz ao afirmar que todas as cidades podem ser melhoradas num período de três anos.

E que não se diga que em tempo de crise, não existem recursos financeiros disponíveis. Nunca foi por falta de recursos que as coisas não se fizeram, mas sobretudo por mau planeamento e pouca vontade. É aqui que volto a referir uma máxima de Jaime Lerner:

- Se queres CRIATIVIDADE, corta um zero no teu orçamento
- Se queres SUSTENTABILIDADE, corta dois zeros no teu orçamento
- E se queres que as coisas aconteçam, não esperes, COMEÇA agora.

III

Minhas Senhoras e meus Senhores

Não existem OUTROS sem NÓS, a comunidade. Mas não existe comunidade sem pessoas, o EU, o ser individual que representamos.

O “Eu de carne e osso” que pode começar a mudar com pequenas coisas.

Na simpatia do bom dia no elevador do seu prédio; na oferta do seu tempo



para ajudar os outros; na preocupação pelo ambiente, mas também na participação activa nos destinos do nosso concelho.

O 25 de Abril foi feito por pessoas que disseram BASTA!

Hoje, num mundo em mutação, precisamos de interiorizar que como cidadãos não podemos ficar à espera das soluções. Temos, individualmente a responsabilidade de responder positivamente à premissa de “*não perguntes o que pode o teu país fazer por ti; pergunta O QUE PODES TU FAZER PELO TEU PAÍS*”;

Como políticos, temos a obrigação de nos re-inventarmos. Os modelos actuais já não servem. Temos a obrigação de transmitir aos cidadãos, municípes, fregueses, CONFIANÇA no que fazemos em seu nome; em última análise, é nossa responsabilidade ajudar a que as pessoas sejam mais felizes.

A Democracia é feita pelas suas instituições: partidos políticos, parlamento, governo, autarcas, mandatados pela vontade de todos os cidadãos.

É esta a dádiva do 25 de Abril de 1974 que queremos manter viva e saudável.

É este conceito de cidade de pessoas que queremos construir, expressa por Zeca Afonso:



Cidade sem muros nem ameias

Gente igual por dentro

Gente igual por fora

Onde a folha da palma afaga a cantaria

Cidade do homem, não do lobo, mas irmão

Capital da alegria

Por isso, hoje estamos irmanados num sentir comum: De júbilo pelo que
tivemos e de esperança pelo que ainda seremos capazes de fazer e ter.

Viva o 25 de Abril

Viva Oeiras

Viva Portugal